

Movimento forte: Brasil vive a 'obsessão exportadora'

Movimiento fuerte: Brasil vive la "obsesión de exportar"

Por Fábio Saraiva

A previsão do tempo adianta: 2002 estará sujeito a chuvas e trovoadas, pela chegada das eleições presidenciais. As incertezas são muitas, mas não chegam a fazer com que o setor industrial baixe as portas para balanço. Pelo contrário, o empresariado acelera o ritmo das mobilizações, avaliando as conquistas e ressaltando os desafios. "Nos últimos anos, não há dúvidas de que importantes conquistas foram alcançadas e precisam ser preservadas, como a estabilidade monetária, a responsabilidade fiscal, o câmbio flutuante e o regime de metas de inflação. Entretanto, devemos ir adiante, fazer uma reforma tributária que amplie a base e reduza as alíquotas, e também difundir o que chamo de obsessão exportadora", anuncia Horácio Lafer Piva, presidente da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP/CIESP) e vice-presidente do Conselho da Bracelpa.

O movimento que Piva denomina de obsessão exportadora avança por meio de um trabalho firme para alavancar o volume de exportações do Brasil, pois é



DIVULGAÇÃO / FIESP / CIESP

"Ouso dizer que o ambiente político está ficando mais favorável à realização da reforma tributária e aumento das exportações"

conseguindo se impor de forma definitiva no cenário internacional que o País será reconhecido de acordo com o potencial da economia que representa. Lutador por excelência e profundo agente do desenvolvimento do setor de celulose e papel do País, membro da família que fundou a Klabin, o homem à frente da FIESP/CIESP conduz também 129 sindicatos industriais, representados pela entidade e tem plena noção de que o caminho da evolução do País não será trilhado da noite para o dia.

Para ele, é preciso vontade acima de tudo, algo que parece ter faltado nos últimos anos: "na média, a indústria foi excessivamente ignorada e só nos últimos meses o governo começou a examinar nossas posições". No entanto, diante de um cenário que passa pela crise argentina, perspectivas em torno

de um novo governo e da ALCA, o presidente da FIESP/CIESP declara-se, nesta entrevista, um otimista. "Ouso dizer que o ambiente político está ficando mais favorável para as próximas investidas: a realização da reforma tributária e a ampliação das exportações nacionais."

O Papel – O setor industrial do País precisa de um novo presidente com qual perfil para crescer?

Piva – Ele deve ter boa disposição quanto ao empreendedor privado e reconhecer que o Brasil está inserido no capitalismo globalizado e moderno, no qual o instrumento principal para geração de riqueza, emprego e tecnologia é a empresa privada, bem apoiada pelo Estado. Isso implica em finalmente

aceitar o papel da indústria no desenvolvimento do País e de criar em torno dela as condições favoráveis para que possa florescer e crescer ao longo de muitas décadas. O exemplo terrível da Argentina não deve se afastar de nossa memória e da memória do próximo presidente brasileiro: promoveu-se a desindustrialização da Argentina, pela fúria fundamentalista dos monetaristas. O resultado foi o colapso de toda a economia do país.

O Papel – *A crise argentina deixa que lição ao Brasil, onde o crescimento econômico depende de investidores estrangeiros, e ao primeiro mundo, onde se concentram estes mercados investidores?*

Piva – Para o Brasil, fica a lição da responsabilidade fiscal e o desafio de reduzir a absorção de poupança externa com verdadeira obsessão exportadora e substituição competitiva de importações. Quanto ao primeiro mundo, a melhor pessoa para responder a esta pergunta seria algum investidor internacional que emprestou seus dólares à Argentina.

Portanto, não diria que o crescimento do País depende só dos investidores estrangeiros, e a FIESP está mais do que convencida de que o empresariado nacional tem a capacidade de gestão para puxar o desenvolvimento do Brasil, mesmo que alavancado por alianças com os capitais estrangeiros.

Acrescento a constatação de que o termo "investidor estrangeiro" perde cada vez mais a sua conotação específica, já que no mundo globalizado não há estrangeiros. Há um fluxo permanente de capitais, mercadorias, tecnologias, mão-de-obra, sob a supervisão dos Estados. A crise argentina foi quase toda criada internamente, e os culpados não são os investidores estrangeiros, que estão tomando monumental calote. Perguntem aos espanhóis!

O Papel – *O governo Fernando Henrique Cardoso apoiou o desenvolvimento do setor industrial brasileiro?*

Piva – Reconhecemos que a prioridade absoluta e quase



obsessiva do atual governo foi defender a estabilidade da moeda e recuperar o controle da política fiscal. Crescer e desenvolver são objetivos que têm ficado em segundo plano durante estes anos.

É, contudo, possível notar algumas medidas pontuais de defesa de alguns setores da indústria, especialmente contra o contrabando e contra os métodos mais insolentes de *dumping*. Mas, na média, a indústria foi excessivamente ignorada. Só nos últimos meses, foi reconhecida a imperiosa necessidade de estimular as exportações, e, o governo, na pessoa do ministro Sérgio Amaral, começou então a examinar as posições e as reclamações do empresariado industrial. Esse exame continua. Nosso protesto recorrente é contra a falta de uma política de desenvolvimento no País e contra a cega hostilidade com

que alguns segmentos do governo rejeitam qualquer idéia de política industrial.

O Papel – *Dentre os setores industriais do País, quais os que mais cresceram nos últimos três anos e quais sofreram mais retração no período?*

Piva – Nos últimos três anos, as locomotivas do crescimento industrial foram os setores de material de transporte (18,6%), mecânica (15,4%) e papel & papelão (10,6%). Em geral, depois de longo período de baixo ou nenhum crescimento, os setores industriais que tendem a liderar a recuperação econômica são aqueles mais sensíveis às perspectivas futuras para a economia e às condições de crédito, exatamente o caso

de material de transportes e mecânica. Além das duas questões, há a grande desvalorização cambial, ocorrida em 1999, favorecendo exportações, e a substituição de importações.

Chamo atenção para o fato de o setor de celulose, papel & papelão ter rapidamente eliminado sua capacidade ociosa. Este é o principal motivo para não ter crescido em 2001. Com a maturação dos novos investimentos, abre-se espaço para a retomada da expansão.

Os destaques negativos foram material plástico e minerais não-metálicos. O elemento comum entre eles e, em grande parte, o que deve tê-los puxado para baixo foi o comportamento pífio da construção civil. Há também o racionamento de energia, atingindo em cheio a produção de cimento e vidro, para citar duas de suas vítimas.

O Papel – *Quais foram os impactos do racionamento de energia elétrica na produção nacional e o que se aprendeu durante esta fase?*

Piva – O episódio revelou uma grande bobeadia burocrática e boa dose de teimosia. A FIESP começou a avisar o governo sobre a iminência de uma crise energética em agosto de 2000 e teve nisso até a ajuda da mídia. Nada adiantou. Só em abril de 2001 o governo finalmente constatou que não havia mais água nas represas. Essa crise de energia, segundo o cálculo do deputado Delfim Netto, custou ao País cerca de 2% do PIB em 2001. Para as indústrias, significou a perda de muitos milhões de reais e diversos negócios. Não haverá indenização, é claro.

A produção da indústria de transformação nacional crescia a um ritmo de 6,3% nos primeiros cinco meses de 2001 quando se iniciou o

racionamento. Nos sete meses seguintes, a produção industrial foi 2% menor do que em igual período do ano anterior. Apesar de a desaceleração ter sido abrupta e pronunciada, só não foi pior, devido à grande capacidade de adaptação dos empresários industriais.

Pesquisa realizada pela FIESP surpreendeu ao revelar que nos primeiros meses de racionamento a indústria paulista conseguiu um ganho de eficiência expressivo, o que possibilitou economizar uma média de 8% na energia sem reduzir a produção. Diga-se de passagem, este ganho de eficiência veio para ficar. Parcela adicional de redução de consumo surgiu com o uso de fontes alternativas de energia, mesmo que de pior qualidade, como o diesel em geradores.

Por fim, é preciso salientar a dificuldade de se isolar o efeito do racionamento sobre a indústria, dada a confluência de crises que se abateram

sobre a economia ao longo do período do racionamento de energia. Apenas para citar exemplo, vimos os juros básicos aumentarem de 16,75% para 19% ao ano, e também o desaquecimento das economias americana e argentina, respectivamente, os nossos primeiro e segundo principais parceiros comerciais.

O Papel – *Se o sr. tivesse de defender a tese de que o Brasil está preparado/despreparado para a ALCA, quais seriam seus argumentos?*

Piva – Neste momento, estamos despreparados, por falta dos dados básicos sobre a nossa própria estrutura industrial e econômica. Comenta-se que o País não conta hoje nem com uma centena de pessoas profissionalmente habilitadas para sentar em uma grande mesa de negociações com os craques do USTR (representantes comerciais dos Estados Unidos), do

**FOTO ou
1/2 página de anúncio**

Canadá e mesmo do México. Entram nesse cálculo os excelentes diplomatas do Itamaraty, mas eles são apenas alguns poucos, e tem três meganegociações simultâneas a realizar – ALCA, OMC, e União Européia.

Mas o Brasil sempre demonstrou um dom para a agilidade mágica, e superadas as emoções da sucessão presidencial este ano, teremos 24 meses para fazer a negociação da ALCA com as 33 repúblicas interessadas. Acreditamos que será possível fazer uma boa negociação e pretendemos participar disso. Porém, alertamos: sem resolver as assimetrias que nos separam dos países desenvolvidos, o País começará o jogo perdendo.

O Papel – *Muitos setores têm passado por movimentos de reestruturações/consolidações no Brasil. Para o sr., quais as principais causas e efeitos destes processos à indústria nacional?*

Piva – A grande motivação, sem dúvida alguma, é a conquista de maior competitividade e melhor posicionamento nos mercados de atuação. Para citar exemplo, observou-se nestes últimos anos o ingresso de bilhões e bilhões de dólares em capital estrangeiro. Grandes grupos internacionais se instalaram aqui ou elevaram sua participação em nossa economia. Com capital de baixo custo, tais grupos ataçaram a competição nos mercados domésticos, exigindo adaptação e reposicionamento das empresas industriais nacionais. Este movimento se somou à concorrência com produtos importados e fez com que as empresas industriais brasileiras terceirizassem mão-de-obra, agregassem atividades típicas de serviços em seu *core business* e partissem para fusões e aquisições. Este movimento deve continuar, dada à alta atratividade das empresas brasileiras e a grande oferta de capital de baixo custo nos mercados desenvolvidos.

O Papel – *Para as indústrias de capital intensivo, como a de papel e celulose, que geralmente dependem de financiamentos e da política de juros, quais são as perspectivas para 2002?*

Piva – Estamos de olho nos preços internacionais e nos novos mercados. No que se refere a juros, acredito que teremos taxas decrescentes em 2002, mas apenas a partir de 2003, possibilidades de pensar em crescimento sustentado, com maior irrigação de crédito e perfil mais adequado ao setor.

O Papel – *Qual a representatividade da pequena e média empresas hoje no contexto econômico brasileiro, como elas têm sido apoiadas e quais os caminhos de seu desenvolvimento?*

Piva – A FIESP tem se esforçado em levar ao governo, com insistência, o ponto de vista dos empresários que tocam pequenas e médias indústrias. Para eles, é crucial a questão dos juros, por exemplo. Conseguimos uma redução ainda que gradual e lenta da taxa de juros, embora ainda falte muito, graças à compreensão do presidente Armínio Fraga. Para eles, também é crucial a reforma tributária. E nós criamos uma atmosfera simpática a essa reforma no Congresso Nacional. Vai por aí o caminho dessas empresas, que precisam ter condições de crescer cada vez mais, porque é com elas que crescerá o PIB brasileiro. Disso é preciso ter a consciência e a certeza.

O Papel – *Se, no passado, exportar era um processo visto como burocrático, o que pode ser dito hoje sobre isto? Como está a questão do crédito à exportação?*



DIVULGAÇÃO / FIESP / CIESP

Piva – É inegável que mudou muito a atitude de Brasília em relação à questão das exportações, especialmente graças ao ministro Sérgio Amaral. E também por causa do colapso da Argentina, que colocou em foco, aqui no Brasil, a gravidade do nosso déficit de contas correntes. Temos a

consciência de que um país não se torna uma potência exportadora em cinco minutos e sabemos que todos os anos do próximo mandato presidencial no Brasil deverão ser focados sobre o nosso desempenho exportador. Será preciso trabalhar muito, começando pelo crédito à exportação, ainda insuficiente e tímido.

O Papel – *Mesmo sendo um país cuja taxa de risco é uma das mais altas do mundo, o sr. acredita no Brasil promissor?*

Piva – Sou antes de tudo um otimista. Reconheço que alguns importantes alicerces para o crescimento foram estabelecidos nos últimos anos, como a estabilidade monetária, a responsabilidade fiscal, o câmbio flutuante e o regime de metas de inflação. Não há dúvida de que estas foram importantes conquistas que precisam ser preservadas. Entretanto, devemos ir além, fazer uma reforma tributária que amplie a base e reduza alíquotas, e também difundir o que chamo de obsessão exportadora. Ouso dizer que o ambiente político está ficando mais favorável para estas duas próximas investidas. Tendo sucesso em empreendê-las, estou convencido de que poderemos caminhar mais rápido e, em breve, sustentaremos taxas de crescimento superiores a 4%, por muitos e muitos anos.

BRAZIL HAS AN "OBSESSION WITH EXPORTS"

By Fábio Saraiva

Long-term weather forecast: 2002 will bring storms and turbulence, brought on by the Presidential elections. But in spite of the many uncertainties, industry is not closing its doors. On the contrary, the business community is taking on new initiatives, evaluating its successes and recognizing its challenges. "In recent years, there's no doubt that there were important advances which need to be preserved, such as monetary stability, fiscal responsibility, a floating exchange rate, and the inflation target regime. But we must move forward, and carry out a tax reform that expands the base and reduces rates, and also promote what I call an obsession

with exports, says Horácio Lafer Piva, President of the Federation and of the Center of Industries of the State of São Paulo (FIESP/CIESP).

The movement that Piva calls the "obsession with exports" has advanced through solid efforts to expand Brazilian exports, since only with strong international presence will Brazil be recognized for its true economic potential. A strong supporter of excellence and an key agent of development in the Brazilian pulp and paper sector (as a member of the family that founded Klabin) the man at the head of FIESP/CIESP also leads 129 industrial associations represented by the body and fully under-

stands that Brazil will not get to where it wants to be overnight.

For Piva, what is needed above all is willpower, something that appears to have been lacking in recent years: "in the media, industry has been too much ignored, and only in recent months has the government begun to look at our proposals". However, in the face of the Argentine crisis, the prospects for a new government and for the FTAA, the President of FIESP/CIESP declares himself an optimist: "I dare say that the political environment is becoming more favorable for the next steps – carrying out tax reforms and expanding Brazilian exports".

O Papel – What kind of profile should the new President have in order for Brazilian industry to grow?

Piva – He or she should be well-disposed towards private enterprise and recognize that Brazil is becoming part of a globalized and modern capitalism, in which the principal instrument for the generation of wealth, jobs and technology is the private company, well supported by the State. This implies finally accepting the role of industry in Brazil's development, and creating favorable conditions for it to flourish and grow over many decades. The terrible example of Argentina shouldn't erase from our memory and from the memory of the next Brazilian President the fact that the de-industrialization of Argentina was brought about by the fundamentalist fury of the monetarists. The result was the collapse of the entire economy of the country.

O Papel – What lesson can Brazil learn from the Argentine crisis, where economic growth depends on foreign investors, and what lesson is there for the First World, where these investor markets are concentrated?

Piva – For Brazil, there is the lesson of fiscal responsibility and the challenge of reducing the use of savings deposits outside the country through a true obsession for exports and competitive substitution of imports. As for the First World, the best person to respond to this question would be some international investor who loaned their dollars to Argentina.

Thus I wouldn't say that the growth of the country depends only on foreign investors, and FIESP is more than convinced that the Brazilian business community has the management capacity to move Brazilian development forward, even if leveraged through alliances with foreign capital. This will take years.

I would add that the term "foreign investor" is losing its specific meaning, since in the globalized world there are no foreigners. There is a permanent flow of capital, goods, technologies, and labour, under the supervision of States. The Argentine crisis was almost entirely created internally, and the guilty parties are not the foreign investors, who are suffering huge losses. Just ask the Spaniards!

O Papel – Has the Cardoso government supported the development of Brazilian industry?

Piva – We recognize that the absolute and almost obsessive priority of the current government was to defend the stability of the currency and regain control over fiscal policy. The objectives of growth and development have remained secondary over these years. And there have been some occasional measures taken to defend some sectors of industry, especially against contraband and against the most abusive types of dumping. But, on average, industry has been ignored far too much, and only in recent months has there been recognition of the urgent need to stimulate exports. The government, through

Minister Sérgio Amaral, has begun to examine the positions and complaints of the business community. This examination continues. Our recurrent complaint is about the lack of a development policy for Brazil and against the blind hostility with which some segments of the government reject any suggestion of industrial policy.

O Papel – Among Brazil's industrial sectors, which have had the most growth in the last three years and which have contracted the most in this period?

Piva – In the last three years, the engines of industrial growth were the sectors of transportation products (18.6%), machinery (15.4%) and pulp and paper (10.6%). In general, after a long period of little or no growth, the industrial sectors that tend to lead an economic recovery are those most sensitive to future economic prospects and credit conditions, which is exactly the case for transportation products and machinery. Along with these two factors was the significant currency devaluation in 1999, which favored exports and import substitution.

I would note that the pulp, paper and paper-board sector has quickly eliminated its idle capacity. This is the principal reason it has not grown in 2001. With the maturation of new investments, there will be room to resume its expansion.

The negative sectors were plastics and non-metallic minerals. The principal common element between them, which pulled them

down was the poor performance of the construction industry. Another factor was energy rationing, with cement and glass production, to name just two of its victims, being especially hard hit.

O Papel – What were the impacts of electricity rationing on domestic production, and what was learned from this?

Piva – The episode revealed a huge bureaucratic blunder and a good dose of stubbornness. FIESP began to warn the government about the imminence of an energy crisis in August of 2000, and was even supported in this by the media. It had no impact. Only in April of 2001 did the government finally realize that there was no more water in the reservoirs. This energy crisis, according to the calculation of Delfim Netto, cost Brazil around 2% of its GDP in 2001. For the industries this meant a loss of many millions of reais and considerable business. Of course, there was no compensation.

Production of the Brazilian manufacturing industry grew by 6.3% in the first five months of 2001, before the start of rationing. In the following seven months, industrial production was 2.0% less than in the same period of the previous year. The slowdown was sudden and significant, but the only reason it wasn't worse was because of the great capacity for adaptation of industrial management.

A FIESP study showed the surprising finding that in the first months of rationing, industry in the State of São Paulo achieved significant gains in efficiency, which enabled average energy savings of 8% without reducing production. I would add that this gain in efficiency is here to stay. An additional portion of the reduction in consumption came from the use of alternative energy sources, even though of poorer quality, such as diesel generators.

Finally, it is difficult to isolate the effect of rationing on industry, given the set of crises that hit the economy over the period of energy rationing. To cite just two examples, basic interest rates increased from 16.75% to 19.0% annually, and the economies of the U.S. and Argentina, our two largest trading partners, suffered a slowdown.

O Papel – If you had to argue that Brazil is prepared or unprepared for the FTAA, on what would you base your arguments?

Piva – At this moment, we are unprepared, because of a lack of basic data about our own industrial and economic structure. It is

said in FIESP/CIESP that Brazil today doesn't have even one hundred people with the professional qualifications to sit at the table with the crack negotiators from the USTR (Office of the U. S. Trade Representative), Canada, or even Mexico. This figure would include the excellent diplomats from Itamaraty (Ministry of Foreign Relations), but there are only a few, and have three simultaneous mega-negotiations to pursue – FTAA, WTO, and the European Union. But Brazil has always shown a magic talent for agility, and once the emotions of the Presidential succession this year are behind us, we will have 24 months to negotiate the FTAA with the 33 interested countries. FIESP believes that it will be possible to conduct a favorable negotiation and intends to participate in this. However, we would warn that without resolving the asymmetries that separate us from developed countries, Brazil will begin the game on a losing note.

O Papel – Many Brazilian sectors have undergone restructuring and consolidation. What do you think are the principal causes and effects of these processes for Brazilian industry?

Piva – The great motivation, without a doubt, is the achievement of greater competitiveness and better positioning in their markets. To give one example, in recent years billions and billions of dollars in foreign capital have entered the country. Large international groups have established operations here and increased their participation in our economy. With low-cost capital, these groups have instigated competition in domestic markets, demanding adaptation and repositioning on the part of Brazilian industry. This movement is on top of the competition from imported products and resulted in Brazilian industry outsourcing of labour, adopting service activities as part of their core business, and undertaking mergers and acquisitions. This movement will likely continue, given the high level of attractiveness of Brazilian companies and the large supply of low-cost capital in the developed country markets.

O Papel – For capital intensive industries such as pulp and paper, which generally depend on financing and interest policies, what are the prospects for 2002?

Piva – We have our eye on international prices and on new markets. In terms of interest rates, I believe that rates will drop in 2002, but only in 2003 will we be in a position to think about sustained growth, with

greater flows of credit and a profile better suited to the sector.

O Papel – What is the importance of small and medium-sized companies today in the Brazilian economic context, how have they been supported, and what are the paths to their development?

Piva – FIESP has made great efforts towards bringing the point of view of owners of small and medium-sized businesses to government. For them, the issue of interest rates, for example, is crucial. We have achieved a reduction in interest rates – although gradual and slow, and we still have a long way to go – thanks to the understanding of Central Bank President Arminio Fraga. The issue of tax reform is also crucial to them. And we have created an atmosphere sympathetic to this reform in the National Congress.

O Papel – If in the past exporting was seen as a bureaucratic process, what is the situation now? What is the status of export credit?

Piva – There's no question that government attitudes have changed considerably in terms of exports, especially thanks to Minister Sérgio Amaral. And also because of the collapse in Argentina, which brought attention here in Brazil to our own serious current account deficit. We are aware that a country cannot become an exporting power overnight, and we know that every year of the next Presidential mandate in Brazil must be focused on our export performance. We will need to work hard, starting with export credits, which are still weak and insufficient.

O Papel – Even being a country with one of the highest risk ratings in the world, do you believe Brazil has a promising future?

Piva – I am above all an optimist. I recognize that some important foundations for growth have been laid in recent years, such as monetary stability, fiscal responsibility, a floating exchange rate, and the inflation target regime. There's no doubt that these were important achievements and need to be preserved. But we must move forward, and carry out a tax reform that expands the base and reduces rates, and we must also promote what I call an "obsession with exports". I dare say that the political environment is becoming more favorable for these two next steps. If we succeed in these, I'm convinced that we can move forward faster, and soon have growth rates of more than 4% for many, many years.